

A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA

Submetido em: 14/10/2025

Aceito em: 18/2/2026

Publicado em: 14/4/2026

Bruno Tavares¹

Maria Eduarda de Melo²

Matheus D'avila Melo Schmitt³

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2026.123.17849>

RESUMO

Por meio de uma pesquisa bibliográfica nos anais do evento Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBio Sul), este estudo identificou a ausência de investigações que abordem o tema clitóris na área de ensino de biologia. Foi localizado apenas um trabalho que menciona o órgão de maneira pontual, e suas autoras não têm vínculos acadêmicos com o sul do país, mostrando que essa não é uma discussão privilegiada pelas vozes do sul educador. A partir disso, refletimos sobre os efeitos dessa ausência na área de ensino e construímos indicativos de caminhos pedagógicos e investigativos na forma de quatro pistas,

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis/SC, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-9300-5609>

² Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis/SC, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-8675-3120>

³ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis/SC, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-6276-9032>

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

no sentido de enfatizar a importância de mais estudos sobre o clitóris na pesquisa em ensino de biologia.

Palavras-chave: educação sexual; genitália; sexo/gênero; sexualidade; vulva.

**THE MISSING PIECE: THE CLITORIS AT THE SOUTHERN REGIONAL
MEETING ON BIOLOGY TEACHING**

ABSTRACT

Through a bibliographic review of the proceedings of the Southern Regional Meeting on Biology Teaching (EREBio Sul), this study identified a lack of research addressing the clitoris in the field of biology education. Only one study was found that mentions the organ, but in a restricted way, and its authors have no academic ties to the south of the country, showing that this is not a privileged discussion among educators in the south. Based on this, we reflect on the effects of this absence in the field of education and construct indicators of pedagogical and investigative paths in the form of four clues, in order to emphasize the importance of more studies on the clitoris in biology education research.

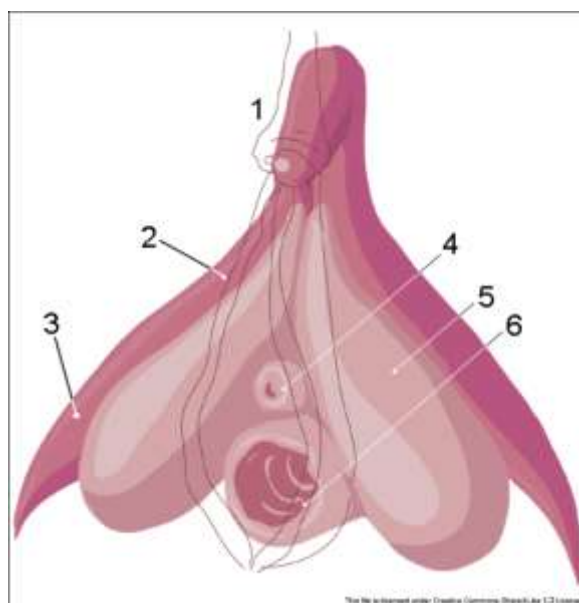
Keywords: sex education; genitalia; sex/gender; sexuality; vulva.

O CLITÓRIS E O ENSINO DE BIOLOGIA

Sendo um órgão de estrutura anatômica complexa que apresenta uma rica rede vascular e nervosa (Di Marino; Lepidi, 2014), o clitóris (Fig. 1) é importante para a experiência sexual e sensorial de mulheres cisgêneras, de homens transgêneros, bem como de algumas pessoas intersexuais e não-binárias que apresentam o órgão.

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

Figura 1: Partes e estruturas associadas ao clitóris humano.



Legenda: 1. glânde do clitóris; 2. corpo do clitóris; 3. raízes do clitóris; 4. abertura da uretra; 5. bulbos do clitóris; 6. abertura do canal vaginal. **Fonte:** Version of image Image:Clitoris inner anatomy.gif with number labels only. Author: Amphis. Created: August 31, 2005
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Clitoris_inner_anatomy_numbers.png#Licensing

O clitóris é definido como um órgão multiplanar (O'Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005), isto é, não pode ser representado em sua integralidade a partir de um único plano anatômico. O órgão pode ser dividido em quatro regiões: a glânde, o corpo, as raízes (ou cruras) e os bulbos (Fig. 1). A glânde e parte do corpo do clitóris são externos e estão localizados na região da vulva, na junção superior dos lábios menores (Di Marino; Lepidi, 2014). O restante do corpo, as raízes e os bulbos são internos.

Levando em consideração sua anatomia, fisiologia e importância para a experiência corporal de muitas pessoas, defendemos que o clitóris é um órgão com grande potencial de abordagem em aulas de ciências e de biologia, bem como tema de interesse para a área de pesquisa em ensino de biologia. Isso porque, conhecer o clitóris está associado à garantia de direito à informação e à educação sexual e reprodutiva, direitos humanos fundamentais para o pleno exercício da cidadania.

Apesar dessa importância, a história da produção de conhecimento científico sobre o clitóris foi marcada por conturbações, aparecimentos, desaparecimentos e silenciamentos (Laqueur, 2001; Rago, 2002; Di Marino; Lepidi, 2014). Ainda que algumas porções do órgão tenham sido descritas por Realdo Colombo e Gabrielle Fallopio no século XVI, e tenha sido

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

detalhadamente caracterizado em sua anatomia interna e externa pelo cientista Georg Ludwig Kobelt no século XIX, no mesmo século, Isaac Baker Brown propunha a clitoridectomia como forma de tratamento médico para pessoas do sexo feminino (supostamente) acometidas por epilepsia, histeria, entre outras condições (Di Marino; Lepidi, 2014).

Freud, contrariando os trabalhos científicos durante o século XX que descreviam a anatomia e os processos fisiológicos de funcionamento do clitóris e seu papel na sexualidade, diferenciou orgasmos em vaginal e clitoriano, considerando este como inadequado à mulher (cis) adulta, o que levou a um apagamento do papel do clitóris como órgão ligado ao prazer. Essa depreciação fisiológica só foi combatida com os movimentos feministas de meados do século XX (Di Marino; Lepidi, 2014; Ramos, 2018).

Esses episódios revelam características intrínsecas ao empreendimento científico (Melo; Schmitt; Tavares, 2024), como o fato de que o conhecimento científico não pode ser adequadamente concebido como um acúmulo linear de conhecimento, do contrário, este é marcado por rupturas e silenciamentos, dependente do contexto político e social (Chalmers, 2001; Peduzzi; Raicik, 2020).

Outras compreensões a respeito da ciência que podem emergir a partir da análise desses episódios dizem respeito à íntima relação existente entre ciência e sociedade, aos processos que envolvem disputas internas na ciência, bem como ao próprio papel das mulheres no empreendimento científico (Melo; Schmitt; Tavares, 2024).

Portanto, existem muitas possibilidades de uso da história da construção do conhecimento científico sobre o clitóris para a abordagem de aspectos de natureza da ciência no ensino, como evolução do conhecimento, influência do contexto sócio-histórico, atuação das mulheres e controvérsias sociocientíficas, por exemplo (Melo; Schmitt; Tavares, 2024).

Tendo em vista esses potenciais de abordagem no ensino de biologia, para compreender como o clitóris é representado em alguns recursos, Melo, Schmitt e Tavares (2024), analisaram 14 coleções de livros didáticos da disciplina de ciências do Programa Nacional do Livro Didático do ano de 2024. Nas análises, verificaram que alguns livros não representam o órgão sob a forma de imagem, enquanto outros apenas o apresentam imageticamente de forma incompleta.

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

Ainda, textualmente, estes livros apresentam abordagens distintas, desde a completa ausência de menções ao órgão, até livros que desenvolviam tópicos como terminações nervosas, desenvolvimento, vascularização e/ou presença de suas porções internas, mas trazendo alguns desses tópicos isoladamente e não de maneira conjunta.

No estudo de Alves (2016), a autora analisou 11 livros didáticos pertencentes a três coleções datadas de 1970 a 1990, verificando um aumento do volume de informações sobre as genitálias humanas ao longo do tempo. Todavia, notou a persistência de um silenciamento em torno da sexualidade feminina e principalmente do clitóris. A exemplo disso, a obra que melhor detalha o clitóris, descreve-o como um órgão muito pequeno, comparando seu tamanho ao de um feijão e que está associado ao prazer sexual, apenas (Alves, 2016).

No trabalho de Ramos (2018), a análise de um curso de graduação em Ciências Biológicas do sul do país foi reveladora de uma ausência na abordagem do órgão clitóris. Desse modo, apesar das potencialidades para uma abordagem pedagógica do clitóris, a análise de recursos didáticos do ensino de biologia e da formação de professores denuncia um contexto de subrepresentação deste órgão (Alves, 2016; Ramos, 2018; Melo; Schmitt; Tavares, 2024).

Essa subrepresentação também se faz presente em outros contextos como o da própria área de pesquisa em ensino e em educação (Schmitt; Melo; Tavares, 2024; Melo; Tavares; Schmitt, 2025). Em pesquisa de natureza bibliográfica, Schmitt, Melo e Tavares (2024) localizaram apenas 4 trabalhos que discutem sobre o clitóris e em uma expansão que abarcou bases de dados estrangeiras, 11 trabalhos foram mapeados (Melo; Tavares; Schmitt, 2025). Dentre estes, nenhum confere centralidade à abordagem do clitóris, mantendo-o como ponto marginal das discussões. A partir disso, os autores pontuam que estes estudos: “[...] no geral, ao abordarem o clitóris, fazem-no de maneira pontual, incompleta e imprecisa, deixando perpetuar ideias de senso comum que reforçam a invisibilização do órgão e do que é considerado feminino” (Schmitt; Melo; Tavares, 2024, p. 11).

Em suma, os elementos apresentados anteriormente apontam um contexto de apagamento do clitóris no ensino. Assim, trabalhamos a partir dos seguintes questionamentos: como o clitóris vêm sendo abordado nos últimos 20 anos do Encontro

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

Regional de Ensino de Biologia - Sul? Que histórias, memórias e resistências⁴ vêm sendo mobilizadas a respeito deste importante órgão? Como o clitóris pode ser explorado no ensino de biologia e na sua respectiva área de pesquisa?

Nessa toada, o objetivo deste estudo foi **discutir possibilidades para a abordagem do órgão clitóris no ensino de biologia, a partir da investigação de sua ausência no Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBio Sul)**. O trabalho tem como pano de fundo a imbricada relação entre ensino e pesquisa, sendo realizado por sujeitos que ocupam o entrelugar da pesquisa acadêmica e da docência escolar.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBio Sul) é um evento bianual promovido pela Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), por meio da Diretoria Regional Sul - 3. Desde sua primeira edição, em 2005, constitui-se como um espaço para a socialização e reflexão de pesquisas e experiências pedagógicas na área de Ensino de Ciências e de Biologia, com ênfase nas produções acadêmicas dos três estados da região sul (RS, SC e PR). Assim, tornar este evento *locus* de investigação está associado a compreender elementos próprios da área de pesquisa em ensino de biologia do sul do país.

Isso posto, destaca-se que, dado o objetivo anteriormente anunciado, esta investigação possui contornos qualitativos, configurando-se como uma pesquisa bibliográfica (Gil, 2008; Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009), direcionada ao evento EREBio Sul. A pesquisa bibliográfica permite, a partir da busca em fontes secundárias, um aprofundamento em certo aspecto de uma área de pesquisa, como é o caso da presente investigação, cujo foco é o tema clitóris no contexto da área de ensino de biologia.

A busca bibliográfica foi realizada nas atas das dez edições anteriores do evento, por meio dos mecanismos de busca interna nos arquivos (*Ctrl + f*). Buscou-se pelo termo “clit”, a fim de recuperar menções ao órgão clitóris e suas derivações sufixais, tais como “clitoriano”, “clitoridiano”, “clitoridectomia”, mencionadas em Di Marino e Lepidi (2014, p. 24).

⁴ A provocação apresentada foi inspirada no tema do XI EREBio Sul, qual seja “Vozes do Sul educador: 20 anos de histórias, memórias e resistências”. No referido evento uma versão reduzida deste trabalho foi apresentada.

A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA

Ainda, buscando entender se o apagamento do clitóris se estenderia a outros órgãos do corpo humano, procedemos uma busca comparativa com os seguintes órgãos: cérebro, estômago, pulmões, coração, pênis e vagina. Os termos pênis e vagina foram utilizados visando delimitar a presença de discussões do sistema genital nos trabalhos. Enquanto o pênis é homólogo ao clitóris, a vagina foi escolhida por ser erroneamente tratada como homóloga deste (Tavares; Melo; Schmitt, 2025), o que justifica sua inclusão nas buscas. Os demais termos buscam apreender em que medida o corpo humano como um todo foi abordado nos trabalhos do evento, tratando-se órgãos representativos dos sistemas cardiovascular (coração), digestório (estômago), nervoso (cérebro) e respiratório (pulmões)⁵.

Por fim, a partir do contexto verificado acerca do clitóris no EREBio Sul, propõe-se a discussão de possibilidades para sua abordagem no ensino de biologia.

AUSÊNCIA DO CLITÓRIS NOS TRABALHOS DO EREBIO SUL

A análise dos trabalhos publicados nos 10 anos de EREBio Sul é reveladora de um dado alarmante: **o clitóris não é abordado nos trabalhos apresentados no evento** (Tabela 1).

⁵ A escolha pelos órgãos mencionados não se deve à sua maior importância dentro desses sistemas do corpo, mas sim, na centralidade mais comumente atribuída a eles.

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

Tabela 1 - Número de pesquisas que mencionam o órgão clitóris nas edições do evento Encontro Regional de Ensino de Biologia - Sul.

| EREBio Sul | Quantitativo de trabalhos publicados no evento | Quantitativo de trabalhos que mencionam “clitóris” |
|-------------------|--|--|
| 10ª edição (2023) | 166 | 0 |
| 9ª edição (2019) | 107 | 0 |
| 8ª edição (2016) | 699 | 1 |
| 7ª edição (2015) | 65 | 0 |
| 6ª edição (2013) | 113 | 0 |
| 5ª edição (2011) | 156 | 0 |
| 4ª edição (2010) | 47 | 0 |
| 3ª edição (2008) | 74 | 0 |
| 2ª edição (2006) | 100 | 0 |
| 1ª edição (2005) | 95 | 0 |
| Total | 1622 | 1 |

Fonte: Autores (2026).

Ainda que seja preocupante, esse resultado apenas reforça investigações que demonstram a invisibilização do clitóris na ciência e na educação de maneira geral, expressando-se na ausência do tema na pesquisa em ensino, bem como em materiais didáticos (Alves, 2016; Ramos, 2018; Melo; Schmitt; Tavares, 2024; Schmitt; Melo; Tavares, 2024; Melo; Tavares; Schmitt, 2025).

Apenas o trabalho intitulado “Experimentações em aulas de biologia: sistema reprodutor... sexualidade... e...” de Santos, Brito e Silva (2016), fez uma única menção ao clitóris, repetindo um padrão já investigado anteriormente, em que estudos da área mencionam o clitóris de maneira marginal (Schmitt; Melo; Tavares, 2024; Melo; Tavares; Schmitt, 2025). O referido estudo foi apresentado na oitava edição do evento EREBio Sul que aconteceu de maneira conjunta com o VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO), evento de maior abrangência da área que reúne pesquisadores de todo o país. Nesse contexto, o artigo em questão teve autoria externa à região sul.

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

Cumprindo o papel de ressaltar que as demais partes do corpo não sofriam com tamanha invisibilização, buscamos menções a outros órgãos nas 10 edições do evento (Tabela 2).

Tabela 2 - Menções a órgãos em trabalhos do evento Encontro Regional de Ensino de Biologia – Sul (EREBIO Sul).

| EREBIO Sul | Nº de menções aos órgãos | | | | | | |
|-------------------------------|--------------------------|-----------|------------|-----------|-----------|-----------|----------|
| | Cérebro | Estômago | Pulmão/ões | Coração | Pênis | Vagina | Clit* |
| 10ª edição (2023) | 4 | 0 | 4 | 4 | 0 | 0 | 0 |
| 9ª edição (2019) | 20 | 6 | 9 | 5 | 5 | 5 | 0 |
| 8ª ⁶ edição (2016) | 76 | 7 | 33 | 35 | 17 | 13 | 1 |
| 7ª edição (2015) | 0 | 17 | 1 | 3 | 5 | 4 | 0 |
| 6ª edição (2013) | 2 | 3 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| 5ª edição (2011) | 4 | 2 | 4 | 1 | 1 | 2 | 0 |
| 4ª edição (2010) | 7 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 3ª edição (2008) | 36 | 0 | 2 | 8 | 0 | 0 | 0 |
| 2ª edição (2006) | 0 | 0 | 0 | 7 | 0 | 0 | 0 |
| 1ª edição (2005) | 45 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total | 194 | 35 | 55 | 63 | 29 | 24 | 1 |

Fonte: Autores (2026).

A partir das buscas, verificamos que os termos vagina e pênis foram mencionados respectivamente 24 e 29 vezes, enquanto os órgãos estômago, pulmão, coração e cérebro tiveram 35, 55, 63 e 194 menções, na devida ordem. Essas menções mais corriqueiras podem indicar, ainda que indiretamente, que esses órgãos estão sendo mais investigados nesses estudos. Enfim, esses dados reforçam o fato de que a situação de invisibilização aqui identificada não é propriamente descrita como a ausência de discussões sobre “órgãos” no evento, mas sim, do clitóris.

⁶ Esta edição do evento aconteceu junto com o VI ENEBio.

A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA

É nesse contexto que reforçamos discussões já iniciadas em outros estudos, no que se refere ao apagamento epistemológico do clitóris, ou seja, a retirada do órgão da produção de conhecimento científico (Schmitt; Melo; Tavares, 2024; Melo; Tavares; Schmitt, 2025). O padrão de negligência na abordagem do tema clitóris que vemos em curso na ciência, na educação, bem como nas áreas de pesquisa, parece se repetir no evento em questão.

É nessa linha que, para além de diagnosticarmos esse cenário de escassez de debates sobre o clitóris, buscamos em seguida apresentar algumas pistas para uma abordagem mais adequada do órgão no ensino de biologia e em sua área de pesquisa correspondente.

PISTAS PARA UMA ABORDAGEM ADEQUADA DO CLITÓRIS NO ENSINO DE BIOLOGIA

Como forma de fornecer alguns parâmetros para a abordagem do tema clitóris na pesquisa em ensino de biologia, apresentaremos quatro pistas orientadoras. Juntas, tais pistas potencializam um tratamento menos superficial e equivocado acerca do órgão na área de pesquisa, bem como nas práticas de ensino de biologia.

Tornar o clitóris objeto de pesquisa na área de ensino de biologia

Como já mencionado anteriormente, o clitóris é um órgão historicamente negligenciado e apagado até mesmo de manuais médicos e livros didáticos (Di Marino; Lepidi, 2014; Ramos, 2018; Tavares; Melo; Schmitt, 2025). Parte dessa história de exclusão é sustentada pelas pesquisas realizadas por Sigmund Freud no início do século XX, as quais demarcam as diferenças entre os orgasmos clitoriano e vaginal (Laqueur, 2001).

A esse respeito, Freud defendia que orgasmos clitorianos são infantis e inadequados para mulheres (cis) adultas, as quais deveriam ter suas práticas sexuais orientadas em direção ao orgasmo vaginal, via penetração, ainda que os dados científicos mais acurados da época descartassem a vagina como *locus* de prazer sexual dada sua pobre inervação (Laqueur, 2001). Como consequência, essa situação acentuou o cenário de negligência em relação ao clitóris, que passou a ser ainda mais subestimado em todo o seu potencial somatossensorial quanto ao prazer sexual.

De maneira similar ao contexto de apagamento epistemológico aqui identificado sobre o clitóris, Ramos (2018) também reforça que existe uma carência de pesquisas sobre

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

o órgão na educação. Segundo a autora “podemos considerar esse silenciamento como uma violência que caracteriza a misoginia, sustentada também nos discursos (ou silêncios) científicos e nas abordagens tradicionais sobre educação sexual” (Ramos, 2018, p. 81).

Em trabalhos anteriores, também notificamos a ausência do órgão em um “estado do desconhecimento” onde, no espectro de trabalhos analisados, não foram encontrados pesquisas que tomavam o clitóris como tema central. Esses resultados expressam o que foi chamado de “clitoridectomia epistemológica” visto que dos poucos trabalhos encontrados, o tema clitóris estava à margem da produção de conhecimento, presente como um elemento secundário a outros temas (Melo; Tavares; Schmitt, 2025).

Como resposta a esse cenário sugerimos que sejam desenvolvidos mais estudos que tomem o clitóris como tema central de discussão no contexto da pesquisa em ensino, especialmente em biologia. Isso se justifica, tendo em vista a riqueza de discussões que podem se desdobrar a partir do órgão clitóris, como as questões de sexo/gênero, sexualidade, anatomia, fisiologia e natureza da ciência.

Utilizando o tema clitóris como gancho, é possível explorar questões científicas relevantes como evolução biológica genital; anatomia animal comparada; (in)visibilidade feminina nas pesquisas; papel de fatores sociais e culturais na gênese do conhecimento científico; aspectos controversos sobre o papel do clitóris na fisiologia da reprodução humana e até mesmo a visibilização de corpos dissidentes das normas de sexo/gênero.

A mobilização crescente do clitóris como objeto de discussão nas revistas da área de ensino e de educação, nos eventos específicos de ensino de ciências e de biologia e na formação de professores, por exemplo, pode contribuir para combater o apagamento a respeito deste órgão nos espaços escolares e na própria sociedade.

Em suma, visibilizar este órgão é um ato contra-hegemônico, podendo ser entendido como meio de resistir à situações de hierarquização que põem o feminino e os corpos dissidentes de sexo/gênero que possuem o órgão como desimportantes.

Abordar adequadamente aspectos anatômicos e fisiológicos do clitóris

O tratamento adequado do órgão no ensino e na pesquisa inclui a sua abordagem adequada em termos anatomofisiológicos. Masters e Johnson (1979) argumentam que historicamente a pesquisa sobre o clitóris esteve calcada em uma série de percepções não

A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA

fundamentadas na biologia e dessa forma “décadas de falácias contribuíram mais para desviar do que para estimular o interesse pelas pesquisas sobre a resposta clitoriana à estimulação sexual” (Masters; Johnson, 1979, p. 53-54).

Entretanto, no que se refere à anatomia clitoriana, é importante demarcar que ela já é bem conhecida pelo menos desde o século XIX (Di Marino; Lepidi, 2014; Melo; Schmitt; Tavares, 2024). Como exemplo disso, pode-se citar os trabalhos de Georg Ludwig Kobelt, na década de 1850, que já incluíam ilustrações bem detalhadas e completas do clitório, trazendo visões internas, externas e multilaterais do órgão (O’Connel; Sanjeevan; Hutson, 2005; Di Marino & Lepidi, 2014). Apesar disso, ainda hoje é comum que o conteúdo presente nos livros didáticos esteja desatualizado e que o clitório, quando representado, seja expresso como um pequeno botão (Tavares, Melo, Schmitt, 2025; Pinto; Ribeiro, 2025). Ao analisarem as coleções de Ciências do PNLD do ano 2024, os autores afirmaram que

[...] apesar de apresentarem imagens sobre o clitório, nenhum livro analisado trouxe qualquer parte de sua anatomia interna ou externa de maneira explícita e identificada [...]há [nos livros analisados pelos autores]: ausência total de representação imagética do clitório (LD1); clitório está presente, mas não apontado (LD7) e por fim imagem do clitório em que este é apenas apontado (LD4). **Em nenhum LD foi verificada a presença de imagens com a anatomia completa do clitório explicitamente identificada**, ou seja, contendo glândula, corpo, raízes e bulbos. (Tavares, Melo, Schmitt, 2025, grifo nosso)

De maneira geral, o clitório é dividido em quatro estruturas: glândula, corpo, raízes ou cruras e bulbos. Em relação ao tamanho dessas estruturas, estudos apontam que, apesar de variável, a glândula clitoriana em união com o corpo do clitório somam cerca de 3,75 centímetros (Di Marino; Lepidi, 2014) e cada uma das duas raízes mede de 5 a 9 centímetros (O’Connel *et al.*, 1998). Dessa maneira, o clitório é um órgão de dimensões consideráveis, medindo em torno de 11 centímetros, projetando-se para várias direções e que se apresenta em vários planos.

Sendo assim, não é razoável que o clitório continue sendo associado a um “botão” localizado na parte externa da vulva (Ramos, 2018), mas sim, que seja apresentado enquanto um órgão multiplanar, cuja estrutura é majoritariamente interna (Di Marino; Lepidi, 2014), vide a figura 1. Apenas a glândula clitoriana e uma parte de seu corpo são externas (Di Marino; Lepidi, 2014).

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

Tal situação contribui para propagar no ensino compreensões fragmentadas e infundadas a respeito da completude do órgão.

No tocante à fisiologia, para além da função de prazer, comumente disseminada (Ramos, 2018; Melo; Schmitt; Tavares, 2024), é importante que sejam tecidas discussões mais alargadas sobre sua rica inervação e irrigação sanguínea (Di Marino; Lepidi, 2014; Melo; Schmitt; Tavares, 2024). Outra reflexão a ser aprofundada, diz respeito aos papéis indiretos do clitóris na reprodução, tal qual apontado por Levin (2019), para quem o prazer sexual gerado a partir da estimulação clitoriana modula parâmetros fisiológicos que facilitam a fecundação, como: aumento do fluxo sanguíneo, lubrificação e oxigenação vaginal e mudança na posição do colo do útero (Levin, 2019).

Quanto ao aspecto de inervação do clitóris humano, é comum a disseminação do quantitativo de 8000 terminações nervosas na glândula do órgão (Melo; Schmitt; Tavares, 2024). Contudo, esse número advém de estudos antigos com ovinos e bovinos, de modo que, segundo Uloko, Isabey e Peters (2023) nenhum estudo anterior ao seu havia quantificado a inervação dorsal do clitóris humano, o qual conta com aproximadamente 10 mil terminações nervosas. Sendo assim, essa informação mais acurada sobre sua inervação é de suma importância para um conhecimento mais adequado de ambas anatomia e fisiologia do clitóris.

Acrescentando a essa discussão anatomofisiológica, Levin (2007) assinala que há certo dissenso científico no que se refere à rigidez do clitóris quando estimulado, uma vez que alguns cientistas defendem que o clitóris fica ereto, como ocorre no pênis, mas outros estudiosos alegam que o intumescimento é o processo mais adequado para descrever a rigidez do clitóris (Levin, 2007).

Desta forma, tratar e trabalhar com maior detalhamento os aspectos anatômicos e fisiológicos de um órgão no ensino, não deve ficar restrito apenas à sua suposta importância médica. Do contrário, destaca-se a relevância de uma abordagem de combate ao silenciamento do prazer sexual ao longo das gerações, a partir da qual seria demonstrada a complexidade deste órgão que foi tradicionalmente apagado, alijando corpos de direitos sexuais.

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

Evidenciar a homologia pênis/clitóris e problematizar o par pênis/vagina

O clitóris é um órgão homólogo ao pênis, visto que no desenvolvimento humano partem de uma mesma estrutura embrionária chamada tubérculo genital que é indistinguível até próximo da 12^a semana de gestação (Di Marino; Lepidi, 2014). Ambos os órgãos são constituídos por corpos esponjosos e cavernosos eréteis, têm distalmente uma glândula e inúmeras outras similaridades (Baskin et al., 2018).

Apesar de serem homólogos, é notável o apagamento e/ou desconhecimento dessa homologia quando retomamos os dados da tabela 2. Nela, é possível observar que entre as edições do evento analisado há equiparação entre as citações do pênis e da vagina (5 pênis : 5 vagina / 17 pênis : 13 vagina / 5 pênis : 4 vagina / 1 pênis : 0 vagina / 1 pênis: 2 vagina). Quando analisado o único artigo que cita o clitóris, as proporções de citação entre pênis/clitóris (17 pênis / 1 clitóris) não expressam essa mesma correspondência.

Esses resultados reforçam uma maior aproximação entre o pênis e a vagina, o que pode levar a uma falsa ideia de homologia entre estes. Tal situação reforça a noção de complementaridade e penetração (Laqueur, 2001; Tavares; Melo; Schmitt, 2025), reduzindo a atividade sexual à penetração pênis-vagina. Assumir isso como regra invisibiliza diversas formas de prazer sexual não diretamente ligados à cisheteronormatividade.

Alves (2016), ao analisar livros provenientes de três décadas diferentes, aponta que a abordagem sexual presente nestas coleções, de maneira geral, “limita o ato sexual à penetração do pênis na vagina” (p. 150), universalizando as relações cisheterossexuais e apagando outros arranjos sexuais bem como o papel fundamental de órgãos como o clitóris.

Nessa linha, em análise de sete coleções didáticas de ciências da natureza, Pinto e Ribeiro (2025) ressaltam que é comum discussões fisiológicas que enfatizam a capacidade de penetração do pênis na vagina, sustentando um discurso centrado na cisheteronormatividade e na deslegitimação de práticas sexuais que não se inserem nessa mesma lógica. Em contraponto a essa situação, uma abordagem que problematize a (falsa) homologia entre pênis e vagina, trazendo-se a homologia entre pênis e clitóris, pode auxiliar na demonstração de que a dicotomia pênis/vagina, guarda entre si uma intencionalidade eminentemente política e ideológica, mas que em termos de homologia, essa complementaridade não se sustenta.

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

Ainda em relação aos materiais didáticos, Tavares, Melo e Schmitt (2025), indicam que em nenhuma das coleções de livros do PNLD de Ciências de 2024 analisadas foi apresentada a homologia sexual entre clitóris e o pênis. Sendo assim, para os autores “perdem-se oportunidades de uma abordagem explícita acerca da igualdade em relação ao sexo/gênero humano, partindo da ideia de que possuímos estruturas similares em termos histológicos e embriológicos, ainda que estas possuam diferenças anatômicas e funcionais.” (Tavares; Melo; Schmitt, 2025, p.13).

Portanto, a partir da compreensão de que clitóris e pênis são homólogos, torna-se fundamental uma busca por equidade no tratamento desses sistemas genitais. Resulta daí que, no ensino, são necessárias abordagens que tratem com semelhante riqueza de detalhes esses órgãos. Em livros didáticos e outros materiais, por exemplo, não é razoável que se admita a presença de diversas imagens sobre o pênis, com sua anatomia e histologia interna detalhadas, enquanto o clitóris praticamente não é apresentado (Tavares; Melo; Schmitt, 2025; Pinto; Ribeiro, 2025). Tratamentos como este no ensino de biologia reforçam desigualdades de sexo/gênero no que diz respeito ao acesso de informações sobre os próprios corpos, devendo ser ativamente combatidos.

Tratar aspectos de natureza da biologia a partir do tema clitóris

A história do conhecimento científico em relação ao clitóris também é um aspecto que pode ser mobilizado no ensino de biologia, apesar de comumente ausente em materiais didáticos e vídeos que se dizem aulas (Melo; Schmitt; Tavares, 2024; Schmitt; Melo; Tavares, 2025). A partir de episódios da história da ciência envolvendo o tema, pode-se apresentar e discutir aspectos de natureza da ciência, tarefa de extrema relevância, já que

a compreensão da natureza da Ciência é considerada um dos preceitos fundamentais para a formação de alunos e professores mais críticos e integrados com o mundo e a realidade em que vivem. [...] Neste caminho, tem se destacado a importância da História e Filosofia da Ciência como uma das maneiras de promover uma melhor compreensão da natureza da Ciência, à medida que seus estudos historiográficos trazem elementos que subsidiam discussões acerca da gênese do conhecimento científico e os fatores internos e externos que a influenciam (Moura, 2014, p. 32-33).

A partir dessa compreensão, em investigação anterior sobre o clitóris, os autores elencaram seis aspectos de natureza da ciência que podem ser discutidos no âmbito do ensino, como: 1) evolução do conhecimento científico; 2) disputas internas da ciência; 3)

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

epistemicídio; 4) influência do contexto histórico, cultural e social na ciência; 5) processo de autorregulação da ciência e de cientistas e 6) influência das mulheres na ciência (Melo, Schmitt e Tavares, 2024).

Buscando exemplificar os aspectos acima mencionados, é possível o tratamento de episódios da história da ciência como a disputa pelo reconhecimento da paternidade do órgão, havida no século XVI entre Gabrielle Falloppio e Realdo Colombo; o apagamento do conhecimento da ciência oriental sobre o órgão; a retirada cirúrgica do clitóris como cura de doenças, proposta pelo médico Isaac Baker Brown no século XIX, bem como sua posterior interdição pela comunidade médico-científica da época; e a pressão de movimentos feministas para a adequada abordagem do órgão nas pesquisas científicas e em manuais médicos (Di Marino; Lepidi, 2014).

Assim como outros conceitos científicos, o clitóris, ao longo do tempo passou por fases de maior ou menor reconhecimento e visibilidade, estando envolvido em uma série de tramas científicas (Di Marino; Lepidi, 2014; Melo; Schmitt; Tavares, 2024). Ao contrário de percepções de uma ciência que se apresenta aproblemática, linear e cumulativa (Peduzzi; Raicik, 2020), a análise da história do clitóris demonstra que os conhecimentos sobre o órgão e sua divulgação estão profundamente imbricados em contextos sócio-históricos mais ou menos abertos a discussões sobre prazer e sexualidade considerada feminina.

Nessa linha, endossamos a defesa de Heerdt e Batista (2016) no que se refere à importância de abordar aspectos de natureza da ciência na formação docente para um tratamento mais equânime quanto à sexo/gênero, uma vez que

[...] quando as/os docentes possuem noções adequadas em relação à dinâmica do conhecimento científico, essa noção pode levá-los a compreender as questões de gênero na Ciência e na sua construção. Além disso, possuir saberes a respeito da NdC [Natureza da Ciência] e das questões de gênero intrínsecas na Ciência pode contribuir para um ensino contextualizado da Ciência e equânime em relação ao gênero, evitando estereótipos de gênero (Heerdt; Batista, 2016).

Em suma, reconhecer esses elementos de natureza da ciência é um movimento importante no sentido de atrelar a história da ciência à apresentação de seus resultados e processos (Peduzzi; Raicik, 2020). Ademais, a construção de saberes docentes relativos à natureza da ciência pode auxiliar no entendimento entre as relações de gênero e ciência e

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

contribuir para que professores, estudantes, aulas, materiais e pesquisas sejam mais contextualizados (Heerdt; Batista, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo tema clitóris nas edições do EREBIO - Sul evidenciou o apagamento do tema ao longo das 10 edições do evento, haja vista que o clitóris foi mencionado apenas uma vez dentre 1.622 trabalhos. A edição que contou com o único artigo a citar o clitóris foi realizada em conjunto com o ENEBIO, de modo que esse resultado advém justamente do caráter mais abrangente dessa edição do evento analisado e não propriamente de um interesse de pesquisa que se materializa no EREBio-Sul e que é próprio do sul do país.

A partir desta ausência, elencamos pistas para uma abordagem mais adequada do clitóris na área, dentre elas: tornar o clitóris objeto de pesquisa na área de ensino de biologia, abordar aspectos anatomo-fisiológicos de modo a representar o órgão em sua completude, evidenciar a homologia clitóris/pênis em detrimento do imaginário cisheteronormativo vagina/pênis e, também, mobilizar aspectos da natureza da ciência a partir da construção de conhecimento sobre o órgão, para um ensino mais contextualizado e equânime em relação a sexo/gênero.

Enfim, defendemos a urgência de que as vozes do sul educador comecem a conceber o clitóris como um tema potente em prol de uma educação que reconheça e valorize as diversidades corporais, sexuais e de gênero, viabilizando o desenvolvimento de práticas pedagógicas promotoras dos direitos sexuais e reprodutivos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luísa de Lemos. *Discursos sobre gêneros e sexualidades inscritos em corpos de livros didáticos de ciências (1970 - 1999)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 215. 2016. Disponível em: <https://ppge.educacao.ufrj.br/disserta%C3%A7%C3%B5es2016/Dluisaalves.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2026.

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

BASKIN, L. *et al.* Development of the human penis and clitoris. *Differentiation*, v. 103, p. 74–85, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.diff.2018.08.001> . Acesso em: 15 fev. 2026.

CHALMERS, Alan. *O que é ciência, afinal?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

DIMARINO, Vincent; LEPIDI, Hubert. *Anatomic study of the clitoris and the bulbo-clitoral organ*. Springer, 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-319-04894-9>. Acesso em: 25 abr. 2025.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEERDT, Bettina; BATISTA, Irinéa de Lourdes. Questões de gênero e da natureza da ciência na formação docente. *Investigações em Ensino de Ciências*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 30–51, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2016v21n2p30>. Acesso em: 25 abr. 2025.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2001.

LEVIN, Roy. The human sexual response: similarities and differences in the anatomy and function of the male and female genitalia: are they a trivial pursuit or a treasure trove? In: JANSSEN, E. (ed.). *The psychophysiology of sex*. Bloomington: Indiana University Press, 2007. Disponível em: <https://iupress.org/9780253348982/the-psychophysiology-of-sex/#generate-pdf>. Acesso em: 15 fev. 2026.

LEVIN, Roy. The clitoris: an appraisal of its reproductive function during the fertile years. *Clinical Anatomy*, [S.l.], v. 33, p. 136–145, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31691374/>. Acesso em: 15 fev. 2026.

MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. *A conduta sexual humana*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização humana, 1979.

MOURA, Breno Arsioli. O que é natureza da ciência e qual sua relação com a história e filosofia da ciência? *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 7, n. 1, p. 32-46, 2014. DOI: 10.53727/rbhc.v7i1.237. Disponível em: <https://doi.org/10.53727/rbhc.v7i1.237>. Acesso em: 15 fev. 2026.

MELO, Maria Eduarda; SCHMITT, Matheus D’Avila; TAVARES, Bruno. A parte que falta: clitóris e sua (sub)representação na ciência e na educação. *Investigações em Ensino de Ciências*, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 365–393, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2024v29n2p365>. Acesso em: 25 abr. 2025.

MELO, Maria Eduarda; TAVARES, Bruno; SCHMITT, Matheus D’Avila. A parte que falta: estado do (des)conhecimento sobre o clitóris nas áreas de pesquisa em Educação e em Ensino. In: LEONEL, André Ary; BRICK, Elizandro Maurício (org.). *Educação em ciências sob diferentes perspectivas epistemológicas*. São Paulo: Livraria da Física, 2025. p. 27–55.

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

Disponível em: <https://lfeditorial.com.br/produto/educacao-em-ciencias-sob-diferentes-perspectivas-epistemologicas/> . Acesso em: 7 dez. 2025.

O'CONNELL, Helen *et al.* Anatomical relationship between urethra and clitoris. *The Journal of Urology*, v. 159, p. 1892–1897, 1998. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0022-5347\(01\)63188-4](https://doi.org/10.1016/S0022-5347(01)63188-4) . Acesso em: 16 fev. 2026.

O'CONNEL, Helen; SANJEEVAN, Kalavampara; HUTSON, John. Anatomy of the clitoris. *Journal of Urology*, [S. l.], v. 174, p. 1189–1195, 2005. Disponível em: <https://www.auajournals.org/doi/10.1097/01.ju.0000173639.38898.cd>. Acesso em 15 fev. 2026.

PEDUZZI, Luiz Orlando de Quadro; RAICIK, Anabel Cardoso. Sobre a natureza da ciência: asserções comentadas para uma articulação com a história da ciência. *Investigações em Ensino de Ciências*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 19–55, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2020v25n2p19>. Acesso em: 25 abr. 2025.

PINTO, Kaliane Nascimento dos Santos; RIBEIRO, Gabriel. Sobre ausências e presenças do clitóris em livros didáticos. *Revista Imagens da Educação*, Maringá, v. 15, n. 1, p. 181-203, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/71611>. Acesso em: 15 fev. 2026.

RAGO, Margareth. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do “amor venéreo”. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [s. l.], v. 25, 2002 . Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10587> . Acesso em: 15 fev. 2026.

RAMOS, Mariela. Claudete. *Precisamos falar sobre o clitóris na escola: Investigando representações de estudantes de graduação em biologia acerca do clitóris*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188062>. Acesso em: 15 fev. 2026.

SANTOS, Helane Súzia Silva dos; BRITO, Maria dos Remédios de; SILVA, Carlos Augusto Silva e. Experimentações em aulas de biologia: sistema reprodutor... sexualidade... e... In: VI Encontro Nacional de Ensino de Biologia e VIII Encontro Regional de Ensino de Biologia Regional 3, Niterói. *Anais [...]* VI ENEBIO E VIII EREBIO Regional 3, 2016, p. 4219-4228. Disponível em: https://sbenbio.org.br/publicacoes/anais/VI_Enebio/VI_Enebio_completo.pdf . Acesso em: 15 fev. 2026.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 15 fev. 2026.

**A PARTE QUE FALTA: O CLITÓRIS NO ENCONTRO
REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA**

SCHMITT, Matheus D'ávila; MELO, Maria Eduarda; TAVARES, Bruno. A parte que falta: clitóris e sua (sub)representação no ensino de biologia. In. IX Encontro Nacional de Ensino de Biologia, Belo Horizonte. *Anais [...] IX ENEBIO*, 2024, s/p. Disponível em: <https://publicacoes.sbenbio.org.br/trabalhos/e0300.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2025.

SCHMITT, Matheus D'avila; MELO, Maria Eduarda; TAVARES, Bruno. A parte que falta: o conteúdo apresentado sobre clitóris em um “vídeo que se diz aula” de Biologia. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 114–133, 2025. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/1652>. Acesso em: 7 dez. 2025.

TAVARES, Bruno; MELO, Maria Eduarda; SCHMITT, Matheus D'avila. A parte que falta: uma análise comparativa entre o conteúdo sobre clitóris e pênis em livros didáticos de ciências do PNLD 2024. *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/ensaio/article/view/55702>. Acesso em: 16 nov. 2025.

ULOKO, Maria; ISABEY, Erika; PETERS, Blair. How many nerve fibers innervate the human glans clitoris: a histomorphometric evaluation of the dorsal nerve of the clitoris. *The Journal of Sexual Medicine*, v. 20, n. 3, p. 247–252, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jsxmed/qdac027> . Acesso em: 16 fev. 2026.

Autor correspondente:

Bruno Tavares

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Rua Engenheiro Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n – Trindade.

Florianópolis/SC, Brasil. CEP 88040-900

brunotavares33@hotmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

